

CAPÍTULO VI

UM “INVENTAR PARA SUGERIR” (OU “UMA BRINCADEIRA SÉRIA”)

“Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!”

(Riobaldo em Grande sertão: veredas – J. Guimarães Rosa)

VI.1: A “SUGESTÃO”

Já estamos chegando ao final de nossa *travessia* (que se pretende modestamente *empreendedológica*). E após todos os condicionantes e especificidades vislumbrados, além de outras *veredas* várias, esperamos, de antemão, que nossa contribuição ao buscar resolver um problema teórico na categoria “Empreendedorismo por Necessidade” traga frutos. Essa é a nossa contribuição, uma plataforma teórica capaz de captar a realidade do setor e que vislumbre um melhor entendimento acerca do “fenômeno” empreendedorismo e suas possibilidades na condição brasileira.

Vimos o que uns e outros pensam sobre. Através da inserção do empreender nas atividades mais elementares da condição humana que a ação empreendedora levada pelo homo imprehendedor não passam de tecnologias vitais, “táticas de vida”, frente as adversidades – e possibilidades – do meio. Vimos também que o contexto de algumas sociedades (no caso a norteamericana: nosso “outro” preferencial!) se apresenta com maiores predisposições para o surgimento do homo imprehendedor, sob a forma do entrepreneur. Notadamente naquelas ditas “desenvolvidas” e em que os pré-requisitos de Hans Freyer já fazem parte do dia-dia de qualquer cidadão. Isso, dentro do arcabouço e das perspectivas vistas. Ficou claro também que, dada a predominância do econômico na contemporaneidade, o pano de fundo que amplificou e ajudou a massificar o Empreendedorismo foi o neoliberalismo. Para aquele, o mérito é, exageradamente, o motor e o combustível do entrepreneur. Desconhece-se a “necessidade” enquanto tal, e

surgem novas “necessidades” – estas artificializadas, bem ao gosto cartesiano. Daí, a quantidade de “coincidências” nas características e nos pressupostos empreendedores com os “povos-do-norte”. A perspectiva econômica se preocupa, basicamente, com criar e distribuir riquezas. A comportamental em entender o *homo imprehendedor* mas olhando para os próprios pés. Daí também, a universalização das PECs. E dentro de todo esse aprofundamento não se percebe o viés libertador, aos olhos “deles”. Mesmo embora o CEFE, por exemplo, eleja como seu público preferencial um exército de necessitados e despossuídos. Ele, o CEFE, enquanto ferramenta de intervenção no social e no econômico, além de preconizar as PECs, depende da sensibilidade e da atuação de seus facilitadores. Mas o importante de tudo isso é que o homem não nasce empreendedor, ele carece de meios e modos para sê-lo. E, nesse sentido, há a possibilidade de se formar “agentes”. E essa formação, esse “treinamento” ou capacitação, se insere, como já dito, numa perspectiva complementar das perspectivas econômica e comportamental. Mas, por favor, dentro de uma perspectiva libertadora. A partir das “diferenças” evidenciadas pela condição brasileira do empreender.

Como no início de nossa dissertação fizemos uma primeira abordagem sobre o tema a partir “deles”, e ali foi dito que o Empreendedorismo fora reconhecido como um elemento fundamental para a viabilização e condução de empreendimentos e, em última instância, do processo de desenvolvimento do capitalismo. Percebemos (e aqui vai a “sugestão”) que o *homo imprehendedor*, pelas próprias contradições inerentes do capitalismo, pode vir a ser, na sua condição de “agente”, *incluído* na sociedade e no sistema. Principalmente em países ditos “emergentes”, “subdesenvolvidos” ou do chamado *Terceiro Mundo*, em que a agenda é outra, diferentemente da América do Norte e da Europa. Ou seja, com todas as mazelas do capital, notadamente nessas regiões do planeta, a condição de “agente” – com as iniciativas devidamente aperfeiçoadas (principalmente para aqueles excluídos e marginalizados) –, coloca o Empreendedorismo, e o *homo imprehendedor* – seu vetor e ator principal –, paradoxalmente para alguns, com uma feição libertadora. Uma possibilidade concreta de um desenvolvimento mais humano e sustentável⁵⁰⁶. E se falamos em um determinado tipo de desenvolvimento, este, trata, basicamente, da expansão das liberdades, ou seja, de um “desenvolvimento como liberdade” e situado

⁵⁰⁶ – No meu entendimento, pensar (e trabalhar) o Empreendedorismo com essa *faceta libertadora*, é uma atitude empreendedora, uma inovação.

naqueles “espaços vividos” pelo homem ou seja, que não seja algo único, mas algo para e pelo *homo situs*.

“Nessa linha de pensamento, desenvolvimento deve ter três atributos básicos: **desenvolvimento das pessoas**, aumentando suas oportunidades, capacidades, potencialidades e direitos de escolha; **desenvolvimento para as pessoas**, garantindo que seus resultados sejam apropriados equitativamente pela população; e **desenvolvimento pelas pessoas**, empoderando-as, isto é, alargando a parcela de poder dos indivíduos e comunidades humanas durante sua participação ativa na definição do processo de desenvolvimento do qual são sujeitos e beneficiários.”⁵⁰⁷

Fica claro também que esse caráter libertador que estamos imputando ao Empreendedorismo aqui nos trópicos implica

“encarar os pequenos produtores e empreendedores como **arquitetos potenciais do futuro** e ampará-los com um conjunto de políticas públicas construídas a partir do princípio de **tratamento desigual aos desiguais**, ou seja, de **ação informativa** em favor dos mais fracos, sem poder e sem voz”⁵⁰⁸

Antes falamos também do caráter “estratégico” do recente programa governamental “Fome Zero” na medida em que liberado da lida da subsistência o nosso *virador* poderá partir para aperfeiçoamentos de suas iniciativas. Mas isso não é e não será o suficiente – certamente. O Estado também tem o dever de, por exemplo, desburocratizar e facilitar a abertura de novos negócios. Não custa nada lembrar que conforme o GEM 2002 o Brasil está em 34º, dentre os 37 países pesquisados, quando se fala em apoio aos novos negócios e na existência de políticas corretas ou facilidades para a

⁵⁰⁷ – NOVAES, Washington, no “Sumário Executivo” de SACHS, Ignacy, *INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO – DESENVOLVIMENTO HUMANO, TRABALHO DECENTE E O FUTURO DOS EMPREENDEDORES DE PEQUENO PORTE*, op. cit., pp: 20/21. [grifos nosso]

⁵⁰⁸ – SACHS, Ignacy, *INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO – DESENVOLVIMENTO HUMANO, TRABALHO DECENTE E O FUTURO DOS EMPREENDEDORES DE PEQUENO PORTE*, op. cit., p. 57. [grifos do autor]

abertura de empresas. E aí, talvez, esteja uma das saídas para a “crise”, a inclusão do exército *informal* de “viradores” – sejam eles profissionais autônomos ou partícipes de pequenas e médias empresas – na ordem do dia do Governo Federal. Afinal, o real motivo (segundo o GEM) que faz as pessoas empreenderem no país é a necessidade. Por outro lado, essa mesma formalização dos “viradores” trará, certamente, uma melhoria na arrecadação tributária – caso haja sucesso nas políticas “macro” que estimulem tais agentes econômicos a trilharem a via da legalidade. E claro também que essa seria uma meta de longo prazo, pois depende de reformas constitucionais nas áreas tributárias, trabalhista e da previdência, e no aparelho de Estado, que diminuam a burocracia e os custos da legalização. Nesse contexto, teríamos a situação ideal onde o Governo arrecadaria mais e os programas seriam direcionados para o desenvolvimento de pequenos negócios – disponibilização de crédito, capacitação dos agentes, etc. –, com custos de fiscalização reduzidos e com um resultado social que beneficiaria a todos os agentes e contribuiria para o equilíbrio fiscal do Estado. Muito há que se fazer!

VI.2: A “INVENÇÃO” (OU A “BRINCADEIRA SÉRIA”)

Antes lançamos algumas questões a partir do dito de Riobaldo em *Grandes sertões: veredas*, agora poderemos, numa “séria brincadeira”, buscar respostas para os reclamos feitos. “*Sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!*”

“Sertão”, para João Guimarães Rosa é a vida – *viver é muito perigoso* – o lugar onde “*tudo é e não é...*”. Na contemporaneidade esse *locus* mais se parece com o “Mercado” – onde também *viver é muito perigoso* e *tudo* (ou quase tudo!) *é e não é*. “Astúcias” são as tais *características pessoais empreendedoras*. E como armar o *virador* para um enfrentamento com o competitivo “Mercado”? Através de um “pacto” com o *sei-lá-o-nome* (“*O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, o Que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...*”⁵⁰⁹), tal e qual Riobaldo. Mas ao sugerirmos um “pacto” com o ente diabólico, enxergamos nesse ente um “demiurgo da gnose”, da revelação pelo conhecimento:

⁵⁰⁹ – ROSA, João Guimarães, *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, op. cit., p. 37.

“demiurgo instigador antes que redentorista, inimigo dos conceitos de culpa e expiação e, conseqüentemente, da moral derrotista e da submissão.”⁵¹⁰

Portanto esse “pacto” vai se dar através de sessões de treinamento e capacitação. “Ele”, uma vez *incorporado*, libertará o *virador*. E se as tais “necessidades artificiais” para a nossa cultura parecem algo tão distante – *a terceira-margem-de-um-rio* – as astúcias “naturais” se transformarão – pelo conhecimento: a revelação – em “astúcias artificiais” e aí...

Parábola

Era uma vez um sapo que habitava os pântanos do Norte.

Havia também uma linda princesa de nome Miranda, filha de Próspero. Miranda certa vez libertou Caliban, seu horroroso escravo corcunda. E o fez ensinando-lhe o idioma do Senhor. O escravo então adquire novos poderes da fala e o caminho da liberdade nessa terra de tantas regras bem marcadas. Ele é livre para afirmar sua própria identidade, dando expressão ao ameaçador *caos* que habita sua “barbárie”:

“A senhorita me ensinou sua língua, e o que ganhei com isso foi que aprendi a praguejar.

Que a peste vermelha caia sobre vocês, por me terem ensinado sua linguagem.”⁵¹¹

E como agora estamos falando de “pacto” com o *sei-lá-o-nome* e de revelação pelo conhecimento (da “língua do Senhor” porque não?), é possível para os *calibans* inventar, empreender ousadias: *praguejar ... romper ... libertar...*

“Disse para pegar peixe, não faço mais,
Lenha, ao ser mandado, não busco mais,
E os pratos, não esfrego nem lavo mais!
Ca, Ca, Caliban, Caliban, ban, ban, Cacá (...)

⁵¹⁰ – COUSTÉ, Alberto, *BIOGRAFIA DO DIABO. O DIABO COMO A SOMBRA DE DEUS NA HISTÓRIA*, Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1996, p. 243.

⁵¹¹ – SHEAKSPEARE, William, *A TEMPESTADE*, Primeiro Ato, Cena II, Tradução de Beatriz Viégas-Faria, L & PM, Coleção L & PM Pocket, Porto Alegre, 2002, p. 29.

Liberdade! Que dia a ser celebrado! Que dia! Celebre-se a liberdade, a liberdade! Que dia a ser celebrado! Liberdade!”⁵¹²

Assim aconteceu naquele pântano do Norte. E a bela princesa Miranda beijou aquele *sapo-do-Norte*, que se transformou no *Príncipe Entrepreneur*: um sapo que pula por boniteza na busca constante por oportunidades de sucesso. Um verdadeiro *winner* que transformou seu pântano na maior nação do Ocidente.

Por aqui, num *brejomangue* qualquer, o *sapo-do-Sul* só pula por precisão. O tempo não pára... E, o *sapo-do-Sul* pulando por precisão. E sua Miranda envelhecida, ranzinza e chata, por aqui chegou transformada em “Megera Cartesiana”, reclamando do calor, dos cheiros e da indolência tropical. E o *sapo-do-Sul*, pula por precisão – mas pula! – e não quer de jeito algum *beijo-de-megera-sem-ginga*. “É ruim, heim!”, coaxava ele, e prosseguia na lida e na vida – *se virando* aos pulos – e dizendo que para ele bastava um *brejomangue-sem-margens* para viver.

Mas os “doutores” em *business administration* têm outra *consciência de si*. Outros planos para os *brejosmangues* da vida. Inspirados no *case* do *Príncipe Entrepreneur* e também por acharem aquele *pulo por precisão* coisa pobre e *declassée*, insistiram com a “Megera” para encontrar um projeto de intervenção adequado. E apresentaram a ela gráficos e gráficos, números e números, e formularam uma nova teoria do desenvolvimento *integral*, para apoiar a *necessidade* de superar o *pulo-por-precisão-do-sapo-do-Sul*.

Aí deu-se a surpresa de ser.

A “Megera”, que já tinha percebido que com menos roupas o calor não era tanto, vinha se afeiçoando ao *jeitinho cordialsedutor* desse *sapo-do-Sul*. E resolveu, de sua própria conta e risco, ir numa *Vereda Morta* e lá fazer um “pacto” com o *sei-lá-o-nome*. E sendo feito, ela se transformou numa linda e sestrosa *mulata-do-di-cavalcanti*, e ao som de *manguebit* foi dançando ao *brejomangue*. O *sapo-do-Sul* ao vê-la, não resistiu. E ela ensinou-lhe a “fala do Senhor” – mas com outras palavras. E foram dançar numa *outra-terceira-margem*, onde o beijo dado transformou-o num *sapo-modernista*, que também pulava, mas agora com *precisa boniteza*.

E o *brejomangue* não se transformou na “maior nação do Ocidente”. Nem ninguém nunca quis. Mas certamente, vive-se hoje feliz por lá.

⁵¹² – SHEAKSPEARE, William, A *TEMPESTADE*, Segundo Ato, Cena II, op. cit., p. 64.